

Resenha do livro

A história ‘encastelada’ e o ensino ‘encurralado’: escritos sobre história, ensino e formação docente

CAVALCANTI, Erinaldo Vicente. **A história ‘encastelada’ e o ensino ‘encurralado’**: escritos sobre história, ensino e formação docente. Curitiba: CRV, 2021.



Autor da resenha

Reginaldo Paulo Giassi

Mestre em Ciências da Linguagem pela Universidade do Sul de Santa Catarina - UNISUL.
Doutorando em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC.

Brasil

reginaldo.giassi@gmail.com
orcid.org/0000-0002-9873-4621

Para citar esta resenha:

GIASSI, Reginaldo Paulo. Resenha do livro “A história ‘encastelada’ e o ensino ‘encurralado’: escritos sobre história, ensino e formação docente”. **PerCursos**, Florianópolis, v. 23, n. 53, p. 320 - 325, set./dez. 2022.

DOI: 10.5965/1984724623532022320

<http://dx.doi.org/10.5965/1984724623532022320>

Resenha do livro “A história ‘encastelada’ e o ensino ‘encurralado’: escritos sobre história, ensino e formação docente”

Reginaldo Paulo Giassi

O livro *A história ‘encastelada’ e o ensino ‘encurralado’: escritos sobre história, ensino e formação docente*, organizado e escrito por Erinaldo Vicente Cavalcanti, foi publicado em 2021 pela editora CRV, tem 168 páginas e é resultado de dez anos de pesquisas e práticas de escrita historiográfica didática e acadêmica sobre o ensino de História. Eri Cavalcanti, como é literalmente conhecido, é Licenciado em História pela Universidade de Pernambuco, Mestre e Doutor em História pela Universidade Federal de Pernambuco. Sua jornada institucional iniciou na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará na área de ensino de História em 2015, onde iniciou, em 2016, o projeto “Ensino de História, livro didático e formação docente: entre práticas e representação”, relativo à análise das matrizes curriculares das licenciaturas em História oferecidas pelas universidades federais do Brasil. Atualmente, enfoca, em suas pesquisas, a seleção dos saberes docentes apresentados nos Projetos Políticos Pedagógicos (PPPs) de matrizes curriculares das licenciaturas em História em cada região do país. Entretanto, nesse livro, as investigações iniciam-se pelas universidades localizadas nas regiões Norte e Nordeste do Brasil.

Com base nessas experiências, desenvolveram-se textos em formato de artigos acadêmicos que compõem a obra e apresentam uma reflexão a partir da análise sobre a História como Ciência e sua prática frente às relações de forças que se desenham contemporaneamente. Nesse sentido, o autor aplica a metáfora do encastelamento da História em duas dimensões específicas. A primeira direcionada a toda ciência histórica produzida e praticada nas universidades, porém ela não consegue ultrapassar os muros desse castelo e se encontra, em certa medida, encastelada dentro dos departamentos, sem estabelecer vínculos com os problemas da vida prática e cotidiana das pessoas (CAVALCANTI, 2022, p. 14). O outro significado da metáfora está intimamente ligado à História explicada e narrada por uma parte dos historiadores que, não raro, encontra-se alheia aos anseios dos segmentos sociais e às demandas da vida de homens e mulheres que não habitam o castelo. Esse encastelamento, certamente, contribui para que o ensino da História na Educação Básica se encontre, em certas dimensões, encurralado, limitado a um espaço pequeno.

O livro foi dividido em duas partes, e cada segmento possui três capítulos em que se abordam as seguintes temáticas: “História, ensino, livro didático e formação docente”, que tratam, exatamente, da posição e tensão sempre hierarquizante entre a história universitária e seu ensino, considerando-se tanto a própria universidade quanto a escola básica como espaços de formação de professores. Nesse ponto, o clamor do livro revela a sensibilidade do autor diante da

¹ Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/1521193440788494>. Acesso em 20 de março de 2022.

Resenha do livro “A história ‘encastelada’ e o ensino ‘encurralado’: escritos sobre história, ensino e formação docente”

Reginaldo Paulo Giassi

hierarquização promovida pelo ensino de História, com base em historiadores ‘encastelados’ em sua história acadêmica. Em sua segunda ordem “História, ensino, livro didático e memória” a obra se diversifica; traz-se para a discussão o tema do livro didático de história a respeito da relação com a formação docente, o que evidencia a relação entre memória, patrimônio e ensino da História.

No primeiro capítulo, intitulado: “A ‘rainha’ encastelada e o ‘plebeu’ encurralado: algumas reflexões sobre a História e seu ensino”, ressaltou-se, em relação ao objetivo que, ainda, há colegas historiadores que se voltam, exclusivamente, para as questões da pesquisa, mesmo quando estas não dialogam com os demais segmentos da sociedade (CAVALCANTI, 2022, p. 29). Nesse sentido, a Ciência histórica aparece representada pela rainha, ao passo que seu ensino é colocado como plebeu (CAVALCANTI, 2022, p. 31); o que constitui uma relação hierárquica na qual o plebeu ocupa, predominantemente, o lugar de invisibilidade e o outro diz respeito à configuração em que se encontra a rainha encastelada.

Já no capítulo II, “A História e o ensino nas encruzilhadas do tempo: reflexões sobre a formação docente dos professores de história”, investigaram-se 14 Matrizes Curriculares de cursos de Licenciaturas em História de Universidades Federais do Norte e do Nordeste. O autor apresenta algumas questões acerca da História como uma Ciência e a sua relação com a formação docente em que reconhece a necessidade de ajustar os currículos de História e pensar suas matrizes, pois, segundo ele, “reconhecer a História ensinada nas academias não responderia as necessidades de estabelecer conexões entre as demandas do tempo presente e a sua constituição como ciências” (CAVALCANTI, 2022, p. 52).

No capítulo “Quais passados se ensinam no presente? Algumas reflexões sobre história, ensino e formação docente”, Erinaldo apresentou uma pesquisa relacionada às diferentes dimensões de passado, alvo do ensino atual nas licenciaturas em História, e ofertadas em nove Universidades Federais, localizadas na região Norte do Brasil. Para tanto, utilizou-se dos seus PPPs como base para uma problematização que lhe permitiu detectar como essas universidades selecionam as referências obrigatórias em termos de leitura dos conteúdos programáticos que os profissionais que nelas atuam abordarão durante os anos de docência no curso. Diante disso, reitera que “foi possível firmar que a História ensinada se constituiu, predominantemente, como uma “História política”, bem como ressalta a continuidade de um modelo quadripartite² europeu, que exibe uma concepção de tempo cronológico e linear (CAVALCANTI, 2022, p. 82), sem oferecer, evidentemente, indícios que permitam perceber uma relação com o presente.

² História Antiga, História Medieval, História Moderna, História Contemporânea (CAVALCANTI, 2021, p. 70).

Resenha do livro “A história ‘encastelada’ e o ensino ‘encurralado’: escritos sobre história, ensino e formação docente”

Reginaldo Paulo Giassi

Na seção denominada “História, ensino, livro didático e memória”, o autor traz uma discussão orientada sob o livro didático de História na relação com a formação de professores/as. Além disso, aborda uma temática estimulante que diz respeito à conexão entre memória, patrimônio e ensino de História, uma vez que esses conteúdos evidenciam o caráter que a aplicação da prática do conhecimento histórico possui. Para isso, o autor analisou as matrizes curriculares dos cursos de licenciaturas em história, oferecidos nas universidades da região Norte do Brasil. A História como área de conhecimento e espaço de formação docente, em nível de graduação, fornece indícios de como o tempo é distribuído entre as disciplinas obrigatórias, permitindo, assim, o debate, a reflexão e o aprendizado. Nesse sentido, Cavalcanti interpreta esse decurso como “um ‘espaço’ que oferta e proíbe experiências de aprendizado” (CAVALCANTI, 2022, p. 86-87) e conclui que “as matrizes curriculares de nossos cursos de licenciatura são projetos fabricados com lentes interpretativas forjadas nas lutas políticas do tempo presente” (CAVALCANTI, 2022, p. 99).

No penúltimo capítulo, intitulado: “Ensino de história e livro didático: produção, possibilidades e desafios para a formação de docentes”, discute-se a construção processual do livro didático e seus desdobramentos no ensino da história. Nessa perspectiva, conduz-se um debate relativo à concepção da palavra ‘autor’ deliberando que “ao invés de falarmos autor de livro didático, poderíamos — ou deveríamos — falar em autor de textos para livros didáticos” (CAVALCANTI, 2022, p. 106).

Por fim, no capítulo “Para dessacralizar a memória e desnaturalizar o patrimônio: algumas questões sobre a história e o seu ensino”, realiza-se uma análise sobre o cinema da cidade de Marabá-PA, o Cine Marrocos, que constitui um exemplo para professores do ensino básico e alunos do curso de História considerarem o estudo do lugar como patrimônio e memória. Por meio dele, revela-se a “importância e a necessidade em desconstruir significados cristalizados — que são apresentados e representados — pela memória e sedimentados pelo patrimônio para entendê-los como construções históricas e ampliar as possibilidades de seus usos na pesquisa” (CAVALCANTI, 2022, p. 125).

Esse trabalho, especificamente, teve a participação de estudantes do curso de História da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), que produziram fotos das instalações, identificaram e catalogaram pôsteres dos principais filmes exibidos no Cine Marrocos, além de entrevistas com dois ex-funcionários. Assim, é oportuno ressaltar que a memória produzida por meio da história oral, nessa pesquisa, precisa ser questionada em diferentes dimensões. Ela não pode ser apropriada como cópia do acontecimento relatado, tampouco como lembranças de

Resenha do livro “A história ‘encastelada’ e o ensino ‘encurralado’: escritos sobre história, ensino e formação docente”

Reginaldo Paulo Giassi

experiências rememoradas. Nessa acepção, o autor reitera que “há importantes trabalhos publicados que apontam que a fonte oral não produz um relato fiel e inquestionável do acontecimento rememorado; aliás, nenhuma fonte tem esse poder” (CAVALCANTI, 2022, p. 129). A memória, como produto cultural, se constitui na relação com o tempo e, por conseguinte, é um lugar de inserção cultural. Por isso, os desafios que apontam para a problematização do patrimônio e da memória como construções históricas nem sempre estão presentes ou têm a devida importância.

O Cine Marrocos, como apresentado no capítulo, pode ser considerado como “um vestígio das ações de certos grupos políticos que se organizaram em tempos de definição e construção do espaço urbano” (CAVALCANTI, 2022, p. 138). Compreendê-lo dessa maneira significa dizer que sua construção alude a interesses políticos e sociais de toda natureza. Essas forças políticas e sociais interferem no ordenamento do espaço público, não apenas durante a realização das atividades lá desenvolvidas, mas também quando se faz necessário mobilizar os poderes públicos locais para agenciar capital de força humana e financeira na garantia das condições de funcionamento desse estabelecimento em diversos períodos de crises.

Nesse entendimento, Erinaldo Cavalcanti reitera o Cine Marrocos como patrimônio nas relações com o tempo, ao permitir diálogo com algumas reflexões do historiador francês François Hartog, que “chama a atenção para o fato de que memória e patrimônio se constituem em vestígios e indícios para problematizar as relações com o tempo” (CAVALCANTI, 2022, p. 141). Nessa relação, o Cine Marrocos, também é percebido como um “lugar de memória” que evoca sujeitos a lutarem pelo seu reconhecimento como patrimônio cultural, congregando diferentes narrativas e representando partes das lutas individuais e coletivas de pessoas e/ou grupos sociais de Marabá em diferentes momentos.

O livro, então, é fundamental para um aprofundamento nos estudos que envolvam uma concepção de Tempo, pois nele se trata uma tensão entre o ensino universitário e o ensino básico, especialmente no que diz respeito à produção de conhecimento enclausurado nas universidades. Por isso, Cavalcanti sugere que seja repensado o currículo dos cursos de licenciaturas em História, a fim de oportunizar aos futuros docentes o conhecimento necessário para a melhor produção dos conteúdos presentes em livros didáticos. Ao incluir essa dinâmica, contribui para a aplicação da prática de um novo conhecimento histórico em suas aulas, o que demonstra ser possível usando o livro didático como objeto de investigação, ao mesmo tempo que proporciona uma transformação tanto para a docência universitária quanto para a formação de professores da Educação Básica.

Apesar do empenho, ainda necessita-se reconhecer o ensino de História em sala de aula como uma Ciência que não estuda somente o processo de construção do conhecimento, mas, sim, como uma disciplina que oferece, continuamente, novas problematizações que conduzam pesquisadores do Tempo Presente a investigar, interrogar e compreender novos processos historiográficos. Se a História precisa mudar, deve-se iniciar pelo currículo, estabelecendo diálogos e promovendo encontros entre os profissionais da educação e a comunidade escolar como um todo. Para Eri Cavalcanti, fazer história é prática social e, como tal, cada um tem de ter o seu papel estabelecido nesse engajamento. Se os saberes continuarem limitados à academia, continuaremos encurralados.

Recebida em: 16/10/2022

Aprovada em: 25/11/2022

Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC
Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED

Revista *PerCursos*

Volume 23 - Número 53 - Ano 2022
revistapercursos.faed@udesc.br